

## Particularidades históricas e culturais dos Charrua e dos Minuano do Pampa Sul-americano

Anderson Marques Garcia<sup>1</sup>  
Saul Eduardo Seiguer Milder<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo identificar algumas características gerais dos grupos ameríndios Charrua e Minuano, enfatizando distinções étnicas destes que habitaram tradicionalmente um espaço que compreende a parte dos territórios atuais da Argentina, do Uruguai e do Brasil. A partir de informações de documentos, crônicas e descrições dos colonizadores a respeito destes dois grupos pampianos, é feito um paralelo, contrastando aspectos particulares de um grupo com o outro. Neste artigo apresentam-se de modo sintático quais são as principais divergências culturais entre os grupos Charrua e Minuano, alguns aspectos sobre suas interações como o colonizador ibero-europeu e seus modos de produção. Por fim, faz-se uma reflexão sobre as possibilidades de associações destes grupos como os construtores de Cerritos pré-históricos.

**Palavras-chave:** Charrua, Minuano, Cerrito.

**Abstract:** This article aims to identify some general characteristics of the Amerindian groups Charrua and Minuano, emphasizing that these ethnic groups have traditionally inhabited a space that includes parts of present-day Argentina, Uruguay and Brazil. The information drawn from documents, chronicles, and descriptions of the settlers compares particular traits of one group with the other. This article presents the main syntactic differences between the Charrua and Minuano cultural groups, and some aspects of their interactions with the Ibero-European colonizers and their modes of production. Finally, it is a reflection on the possibility that these groups may have built prehistoric Mounds.

**Keywords:** Charrua, Minuano, Mound.

### Introdução:

Durante o século XX estes ameríndios pampianos foram amplamente relacionados pela Arqueologia regional com os construtores de *Cerritos*. Assim, para ilustrar o exposto, pode-se dizer que se pensa em Cerritos como montículos, câmoros ou aterros, como normalmente é descrito na bibliografia arqueológica regional. Os Cerritos foram construídos geralmente em lugares planos e alagadiços, onde geralmente se encontra vestígios arqueológicos líticos; cerâmicos; arqueofaunísticos; e algumas vezes enterramentos humanos. Estes tipos de sítios são encontrados entre os atuais territórios

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas, mestrando em Patrimônio Cultural pelo PPGPPC da Universidade Federal de Santa Maria, pesquisador associado aos laboratórios de Arqueologia LEPAARQ/UFPel e LEPA/UFSM.

<sup>2</sup> Dr. em Arqueologia pelo MAE/USP, professor na Universidade Federal de Santa Maria no mestrado profissionalizante em Patrimônio Cultural, mestrado acadêmico em História e graduação em licenciatura e bacharelado em História.

nacionais da Argentina, Uruguai e Brasil (Rio Grande do Sul), num espaço, que conforme a bibliografia tradicional, foi de domínio Charrua e Minuano<sup>3</sup>.

### **Distinguindo Charrua de Minuano:**

Os Charrua e os Minuano ao longo do século passado foram quase sempre descritos juntos, ficando a impressão, conforme salienta Favre (1994), que estes constituíam um único grupo. Tal equívoco histórico iniciou em meados do século XVIII, num momento em que as coroas portuguesa e espanhola ampliaram sua expansão sobre o território índio, fazendo com que estes se aproximassem e com que a sociedade colonial criasse tal generalização entre estes dois grupos. No entanto, quando se recorre aos primeiros dados históricos sobre os grupos, vê-se que embora estes comungassem de algumas semelhanças relativas a sua cultura material como imaterial, existem também muitos dados que apontam divergências entre estes dois, principalmente ao que trata do território ancestral destes grupos.

Ao situar territorialmente os Charrua e os Minuano, pode-se perceber na documentação histórica que seus territórios ancestrais eram distintos, tendo o Rio Uruguai representado uma espécie de fronteira entre estas duas culturas. Bracco (1999) informa que desde tempos pré-coloniais esta região teria sido abalada por constantes disputas territoriais entre parcialidades destes grupos. Estas ações foram marcadas por práticas como raptos e assassinatos mútuos, como pode ser percebido ao ler as palavras do Pe. Francisco García ao relatar sobre Charrua (Yaro) que atravessavam o Rio Uruguai e sequestravam e matavam índios Minuano (Guenoa).

*“La mas nombrada Nación, y parcialidad, es la de los Yarós, enemigos mortales de los Guanoás, por andar tan vezinos, que solo media entre unos, y otros el dicho rio Uruguay, el cual pasan los Yarós, quando sus excesivas y rapidas creciente lo permiten, nadando, en que son muy excercitados desde niños, y matan, ó cautivan á los Guanoás”* (García, 1683 apud Bracco, 1999:66-67).

---

<sup>3</sup> Os primeiros são também referidos por cronistas como *Yacroas*, *Yaros*, *Martidans*, *Manchados*, ou variações destas palavras. Os segundos como *Janes* e *Guenoas*, ou variações destas palavras. Isto ocorre por serem estes nomes, provavelmente, nomenclaturas especificadas de parcialidades étnicas destes grupos, exceto a palavra *Guenoa*, a qual foi utilizada pelos padres jesuítas para fazer menção aos Minuano. Em relação à parcialidade étnica dos *Bohanes*, existem divergências, Becker (2002) os relaciona com o Minuano e Mazz & Bracco (2010) com os Charrua, ficando deste modo impreciso a qual grupo de fato estes pertenciam.

Estes grupos estavam genericamente assentados da seguinte forma: Charrua juntos às margens ocidentais do Rio Uruguai (Oeste)<sup>4</sup> e os Minuano no lado oriental (Leste), estendendo-se, ao que parece, até as planícies do litoral atlântico Sul. Junto a esta questão, podem ainda ser demonstrados outros dados que apontam para uma dissociação entre estes dois grupos, como se apresentará em sequencia.

Becker (2002; 2006) por meio de informações de viajantes que conviveram com estes grupos entre os séculos XVI e XIX, traz informações que possibilita inclusive apontar diferenças entre os tipos fenótipos destes grupos, relatando que a coloração da pele dos Charrua seria mais escura que a dos Minuano; que os homens Charrua eram mais robustos que os Minuano; e que as mulheres Charrua tinham aproximadamente a mesma altura dos homens de seu grupo (1,74 m), enquanto entre os Minuano existiria um dimorfismo sexual acentuado, tendo as mulheres os seios maiores que as Charrua, bem como seus lábios e olhos, além de ter o nariz mais achatado do que o dos Charrua.

Além destas diferenças também haviam significativas divergências culturais entres os dois grupos. Entre os Minuano as mulheres parecem ter tido maior igualdade perante aos homens de seu grupo do que as Charrua, existindo algumas que chegaram a exercer atividades médicas e ter a liberdade de beber nas cerimônias xamânicas com os homens, posição não permitida as charrua.

A família era a base social de ambos grupos, porém normalmente poligâmica entre os Charrua, onde os homens podiam casar-se com várias mulheres, enquanto entre os Minuano tal pratica era exclusiva aos Caciques, sendo as mulheres mais velhas, de acordo com Porto (1936), rejeitadas e levadas nas jornadas apenas as mais jovens. Em ambos os grupos os homens casavam-se mais velhos que as mulheres, que normalmente estavam prontas para o casamento quando atingissem a idade núbil, manifestada primeiramente entre as mulheres do grupo Minuano. As mulheres Charrua, por sua vez, passavam por um ritual de iniciação onde eram conduzidas até um toldo específico, sendo cobertas com muitos agasalhos durante estas cerimônias.

Nos costumes Charrua o divórcio era uma pratica corriqueira, enquanto no grupo Minuano dificilmente ocorria, e os filhos entre os Charrua aparentemente eram criados por pais biológicos, enquanto entre os Minuano a educação das crianças costumava ser de responsabilidade dos pais até o período de lactância, passando após este momento a

---

<sup>4</sup> Alguns cronistas também relatam sobre a presença Charrua juntos as margens orientais (Leste) do Uruguai.

responsabilidade sobre as crianças para algum familiar. Entre os Charrua era comum familiares ou outras pessoas se disponibilizassem a acolher os órfãos de seu grupo por meio de adoção. Assim, a manifestação mais acentuada deste sentimento fraternal, nos dois grupos, podia ser percebida nas manifestações femininas de luto, onde era costume entre as mulheres amputar suas falanges das mãos, iniciando pelo dedo mínimo, como demonstração do sofrimento pela perda de seus pais e filhos.

Rituais de autoflagelo também eram praticados pelos homens, no entanto para estes havia pelo menos dois motivos para as mutilações, elas eram efetuadas para representar o número de inimigos mortos em confrontos pessoais e também como formas de manifestar o luto. Segundo Becker (2002), as cicatrizes para os homens Charrua eram exibidas como status representativo do número de inimigos mortos, enquanto para os Minuano, este tipo de autoflagelo significaria a dor sentida pela morte de um familiar. Porém, há de se considerar, que antes de uma variação cultural, tal questão possa ser fruto de interpretações distintas sobre um mesmo ritual.

Em relação as suas habitações, cabe destacar que os toldos Charrua nos primeiros anos pós-contato eram construídos para abrigar cerca de dez pessoas, sem distinção sexual ou etária, caso um não fosse suficiente para abrigar uma família numerosa, outro toldo era construído ao lado para que todos tivessem abrigo. Conforme Becker (2002) suas moradias eram construídas, antes de tudo, com o propósito de servir como um abrigo para as intempéries, sendo as cozinhas feitas fora do perímetro interno dos toldos, assim como também eram os fogos. Quanto aos toldos Minuano, Porto (1936) traz informações sobre moradias do período de utilização do couro bovino.

Nestas construções, eram utilizadas esteiras de palha como cobertura e couro nas paredes, sendo que uma destas inteira, serviria como porta de acesso a residência. Porto (1936) dizia que “(...) *as suas mudáveis casas costumam armar sôbre alguma descoberta colina e raras vezes junto do mato (...)*” (Saldanha, 1787 *apud* Porto, 1936:30), servindo-lhes como dormitório, lugar para comer e cozinhar, chegando a abrigar cerca de cinco a seis indivíduos. As diferenças existentes entre as suas moradias quanto a estrutura, capacidade e função parecem notórias.

Porém, primeiramente quanto à estrutura, tem de se ponderar que a utilização do couro pelos Charrua também foi bastante presente no século XVII. Quando estes últimos se proveram do gado, também utilizaram o couro como umas das matérias-primas construtivas das habitações, o mesmo se procede sobre a capacidade destas em

suportar indivíduos, sendo também adaptadas neste aspecto. Nos anos seguintes os toldos dos Charrua foram reformulados e o tamanho destes também provavelmente foi adaptado.

No entanto, o que mais se destaca ao comparar os relatos sobre as habitações, é o que tange a preparação de alimentos. Para os Minuano, diferentemente dos Charrua, a alimentação tratava-se de atividades individuais em que as pessoas comiam quando julgassem necessário. Esta informação corrobora o fato dos Minuano normalmente prepararem seus alimentos dentro de seus toldos enquanto a alimentação Charrua era uma ação coletiva que reunia o grupo fora dos toldos. Tal questão talvez possa indicar outro fator de diferenciação cultural entre estes dois grupos.

Para os Charrua, pode-se destacar também a utilização das tatuagens, realizadas com o aplicar de um tipo de argila escura sobre a pele recém picoteada, ou seja, eram abertos poros na pele e aplicava-se esta substância corante nas feridas. Um dado bastante semelhante é trazido por Cesar (1998) quando descreve um grupo de Minuano. O autor baseado em um cronista anônimo apresenta que eram feitas nos rostos das meninas recém nascidas cruces de cor azul, estas que chegavam até seus narizes.

O autor não deixa claro que estas cruces fossem permanentes, provavelmente devido ao fato de suas palavras serem breve sobre o assunto, porém devido a semelhança entre as descrições é provável que também fossem tatuagens o que o autor presenciou. O uso destas marcas parece não ter sido restrito as mulheres, Saldanha menciona que o cacique Minuano Salteinho trazia “(...) *marcada sobre la nariz y sobrecejas, una cruz de tres picos, hechas con algún hierro en brasa, y que permanece en color ceniciento*” (Saldanha 1787 *apud* Mazz & Bracco, 2010:223-224). Este costume de tatuar-se parece ter permanecido até a primeira metade do século XIX, onde em relato de M. Léon Gozlan sobre os quatro Charrua enviados a Paris<sup>5</sup>, pode ser percebido menção destas marcas.

Fatores de diferenciação cultural entre Charrua e Minuano, ainda que modestos, podem também ser percebidos na bibliografia quando é informado o período da vida da mulher em que eram realizadas as tatuagens, entre os Minuano após o nascimento e entre os Charrua em idade núbil. Além do período de realização das listras, existem

---

<sup>5</sup> Estes foram: Senaque, Micaela Guaynusa (grávida) e os caciques Laureano Tacuabé e Vaymaca Peru, levados para Paris em 1833 pelo francês François de Curel por meio de um acordo com Fructuoso Rivera. Na Europa acabaram expostos como curiosidades em uma exposição chamada “*História Natural do Gênero Humano*”, em uma cela com algumas emas e seus utensílios tradicionais, simulando uma toldoaria (Hilbert, 2009).

algumas diferenças presentes nas descrições quanto a diferenças nas linhas que eram tatuadas nos rostos, o que é possível que antes de ser interpretado como um fator de diferenciação cultural entre os grupos possam antes ser consequências de variações estilísticas.

### **Algumas interações com o gado dos Charrua e dos Minuano:**

Com advento da colonização europeia no Sul, ambos os grupos que tinham sua estrutura social embasada em hábitos pescador-caçador-coletor tiveram transformações em seus modos de vida com a adição da influência ibero-europeia. O cavalo e o gado passaram a ter importância acentuada para os Charrua e os Minuano, o primeiro animal introduzido na América do Sul pela expedição de Solís em 1516 e tornando-se em sequência um meio de consumo e transporte fundamental para os grupos.

O segundo praticamente substituiu animais nativos como o veado e a ema, tornando-se a principal alimentação nos momentos pós-contato, tendo sido ainda mais tarde, criado para suprir as suas necessidades alimentícias, além seus subprodutos como couro e derivados, transformarem-se em moeda de trocas com os colonizadores. O gado bovino foi lançado pela primeira vez na região de interesse, entre os rios Negro e Uruguai, em 1611 pelo governador do Rio da Prata (Hernandarias). Este gado multiplicou-se e expandiu-se populacionalmente a Leste, formando de acordo com Becker (2002) a Vacaria do Mar.

A partir da leitura do cronista Manoel Gonçalves de Aguiar, ao relator a Antônio de Brito e Menezes (governador das capitânicas do Sul), sobre *‘notícias práticas da costa e das povoações do mar do sul’*, pode ser absorvido parte das consequências do momento político e histórico recém-descrito relacionado ao grupo Minuano:

*“O gentio que habita esta marinha chega até Castilhos, Maldonado e Monte Vedio: é gente livre, e o mais deles das Aldeias dos Padres da Companhia Castelhanos: uns em quanto tivemos guerra vinham acompanhar aos Castelhanos que estavam de guarda em Monte Vedio e Maldonado, como também o faziam os das Aldeias: outros nesse mesmo tempo negociavam com os franceses, receosos sempre de que os Portugueses passassem aos dos portos a povoá-los, e assim quase todos os meses se achavam neles três e quatro navios carregando de courama e sebos, que lhe vendiam os Índios (...)”* (Aguiar, 1721 *apud* Cesar, 1998:69).

A passagem de texto do cronista retrata os Minuano que habitavam o litoral do Atlântico Sul, organizados em um ou mais grupos que mantinham parcerias com os

portugueses, descreve também outros Minuano aliados dos espanhóis. Porém, não é descarta a possibilidade Charrua, pois estes foram aliados históricos dos espanhóis e neste momento histórico, conforme destaca Mazz & Bracco (2010), estes ameríndios já haviam sido expulsos de seu território original.

Francisco de Brito Peixoto, capitão-mor da Vila de Santo Antônio dos Anjos da Laguna<sup>6</sup>, ao encaminhar seu genro (João de Magalhães) para formar povoações nas proximidades do estuário de Rio Grande e São José do Norte, também traz luz sobre o convívio do colono luso-europeu com os Minuano e a inserção do gado nos pampas em uma carta encaminhada ao tenente-general Davi Marques Pereira sobre: *‘noticias da frota de João de Magalhães’*.

*“(...) tenho adquirido a boa amizade dos índios Minuanos à custa da minha fazenda por mimos que daqui lhes tenho remetido, e como já não podia com tanto gasto, pelo estado em que me acho, e ser conveniente ao real serviço a amizade destes gentios, por estarem as campanhas francas para delas se tirar quanto gado quiserem (...)”* (Peixoto, 1725 apud Cesar, 1998:75).

Neste momento Peixoto havia mandado por João de Magalhães 800 reses para serem “espalhadas” pela província com a expectativa que essas se reproduzissem em grande número devido à natureza favorável do lugar, a qual mais de um século antes já havia chamado a atenção de Hernandarias, devido sua característica positiva para a criação de tal animal. O gado de Magalhães foi encaminhado para suprir as necessidades das povoações que começavam a ser instaladas e também para manter as estâncias que estavam prestes a serem formadas.

Como consequência, os Minuano que habitavam esta área também se “beneficiaram” deste gado que lhe era cedido por meio de uma estratégia política portuguesa que visava manter bons convívios com os nativos, por ser positivo para a coroa portuguesa os terem como aliados, já que estes os serviam como informantes de bens naturais que poderiam ser de interesse português. Neste momento a Espanha mantinha aliança semelhante com os Charrua e com outros grupos Minuano no entorno do Rio Uruguai.

A dependência dos Charrua e dos Minuano frente aos colonizadores acabou por resultar em constantes conflitos iniciados com a incidência de roubos de gado, que eram vendido por ambos grupos hora para espanhóis, hora para portugueses. Tal situação

---

<sup>6</sup> Atual nome do município de Laguna, Santa Catarina (Brasil).

trouxe como consequência uma constante perseguição aos grupos, que os forçou a migrar para o interior, pois seus antigos territórios no início do século XIX já estavam quase em totalidade sob ocupação portuguesa ou espanhola, impossibilitando-os a caça e restando-lhes praticamente apenas subempregos junto aos estancieiros brancos.

Segundo Mazz & Bracco (2010), qualquer tipo de estimativa sobre o efetivo populacional dos grupos Charrua e Minuano em qualquer período é falho, pois inúmeros indivíduos nunca sequer foram vistos pelos viajantes e colonizadores que se preocuparam em registrar este tipo de documentação. Vidart (1998) e Becker (2002) trazem contabilizados números máximos de 1000 a 1100 indivíduos Charrua e de 900 a 1000 Minuano. De acordo com Bracco (1999), Francisco Dominguez chegava a mencionar a existência de mais 2000 famílias Charrua.

Os contingentes populacionais destes pampianos foram gradativamente diminuindo, devido a doenças e constantes conflitos com os colonizadores que tomavam as suas terras, não admitiam o modo de vida pescador-caçador-coletor, e os obrigavam a servi-los de acordo com os padrões ibéricos. Esta política bélica se estendeu até o século XIX, quando estes grupos teriam<sup>7</sup> sido exterminados nos genocídios de Salsipuedes e Mataojos, e os sobreviventes teriam sido mortos na sublevação de Bella Unión e nas campanhas de Lavalleja.

### **Considerações finais:**

É importante salientar novamente que Charrua e Minuano foram grupos distintos, mas que tiveram muitos traços culturais semelhantes. No entanto, também comungavam de alguns adversos, e a linguagem, bem como as variáveis antes mencionadas, também permite reflexão distintiva entre os grupos trabalhados.

Sosa (1957) propôs um estudo comparativo entre palavras pronunciadas<sup>8</sup> por ameríndios Charrua, Minuano e Chaná, e o resultado desta comparação, lhe permitiu supor que os três grupos deveriam possuir um dialeto de mesma origem, o qual acreditava estarem ligados a língua mesoamericana *Arawak*. Mais tarde Becker (2002)

---

<sup>7</sup> Fala-se que “teriam” sido exterminadas, pois atualmente existem grupos vivendo em estruturas tribais que afirmam ser legitimamente Charrua e que lutam pelo seu reconhecimento, no Uruguai existe o Consejo de La Nación Charrúa (CONACHA) e no Brasil, após 172 anos de luta, um grupo que afirma ligação sanguínea com os Charrua sobreviventes de Salsipuedes, foram reconhecidos em 2007 no Rio Grande do Sul como categoria êmica/nativa sócio-cosmológico-identitária pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) (Silva, 2008; Hilbert, 2009).

<sup>8</sup> Esta pesquisa de Sosa (1957) baseou-se em comparações entre palavras redigidas por viajantes que tiveram contatos com esses grupos.



contestou o exposto por Sosa, e afirmou não ser possível saber se as diferenças entre as linguagens de Charrua e Minuano eram em nível de dialeto ou língua.

Com isenção à discussão apresentada, sabe-se hoje que a língua falada pelos Charrua da aldeia Polidoro Povo Charrua chama-se *Ipi* e que ao menos em nível de dialeto estas linguagens diferiam, pois quando Francisco Bruno de Zabala dialogou com este grupos, requisitou “(...) *uno o dos lenguaraces de las lenguas charrúa y minuana* (...)” (Zabala, 1794 *apud* Mazz & Bracco, 2010:228).

Quanto às relações destes grupos com os sítios arqueológicos com Cerritos, pensa-se em concordância com Bracco (1999) e Mazz & Bracco (2010). O território tradicional dos Charrua difere dos locais onde atualmente são encontrados Cerritos, já que estes só entenderam seus domínios à Leste por volta da década de 1740, devido a perda de espaços para os colonizadores ibéricos. Os Charrua passaram então a ocupar um território ancestralmente Minuano, e por volta deste mesmo período (1730) haviam se consolidado as alianças entre estes e os Minuano, fato que gerou confusão entorno da população colonial e uma generalização popular dos dois grupos como sendo Charrua de maneira genérica, fazendo que aos poucos fosse diminuindo a utilização do termo Minuano para descrever parte deste contingente populacional que passou a traçar um destino semelhante. Assim, é visto que quem ocupava o território onde atualmente são encontrados Cerritos eram os Minuano.

Em concordância com Mazz & Bracco (2010), a reflexão possível de ser feita fundamenta-se no fato de que os Minuano ocupavam os lugares de Cerritos no século XVII, quando tiveram contato com os conquistadores ibero-europeus e que esta posição territorial talvez tivesse uma ligação de cunho político e identitário com um território que por muitas gerações seu grupo ocupou, desta forma entrando também os Cerritos neste contingente territorial.

Não pretende-se afirmar neste ensaio que os Minuano foram de fato responsáveis pelas construções de Cerritos, pois este é um exercício reflexivo que apenas recentemente vem sendo trabalhado sobre esta perspectiva de ruptura entre Charrua e Minuano e ainda necessita de muitas pesquisas de cunho arqueológico e histórico para maiores clarezas em relação ao assunto. A intenção aqui é levantar questões teóricas que possibilitam refletir sobre os pontos de divergências entre as culturas Charrua e Minuano, divulgar o tema que é pouco estudado por especialistas,

sobretudo no Brasil, e traçar um esboço modesto de pontos característicos das culturas destes grupos, bem como alguns aspectos de suas relações com os colonizadores.

### **Bibliografia:**

- BECKER, Ítala Irene Basile. O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. 2.ed. *Documentos*. São Leopoldo, n.5, p.125-147, 2006.
- BECKER, Ítala Irene Basile. *Os índios Charrua e Minuano na antiga banda oriental do Uruguai*. São Leopoldo: Ed.Unisinos, 2002.
- BRACCO, Diego. *Guenoas*. Montevidéo: Ministerio de Educación y Cultura, 1999.
- CESAR, Guilhermino. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul: 1605-1801*. 3.ed. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 1998.
- FAVRE, Oscar Padrón. *Sangre Indígena en el Uruguay*. 3.ed. Durazno: Libros del autor, 1994.
- HILBERT, Klaus. Charruas e Minuanos entre ruptura e continuidade. In: KERN, Arno Alvarez, SANTOS, Maria Cristina dos, GOLIN, Tau (orgs.). *Povos Indígenas*. Passo Fundo: Méritos, 2009, p. 179-206.
- MAZZ, José Maria López; BRACCO, Diego. *Minuanos: apuntes y notas para la historia y la arqueología del territorio Guenoa-Minuan (indígenas de Uruguay, Argentina y Brasil)*. Montevidéo: Linardi y Risso, 2010.
- PORTO, Aurélio. Primitivos habitantes do Rio-Grande-do-Sul. In: *Terra Farroupilha*. Porto Alegre: Livraria Selbach, n.1, p.21-31, 1936.
- SILVA, Sergio Batista da. Categorias sócio-cosmológico-identitárias indígenas recentes e processos de consolidação de novos sujeitos coletivos de direito: os Charrua e os Xokleng no Rio Grande do Sul. In: FREITAS, Ana Elisa de Castro, FAGUNDES, Luiz Fernando Caldas (orgs.). *Povos Indígenas na Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2008, p. 25-35.
- SOSA, Rodolfo Maruca. *La nación Charrúa*. Montevidéo: Letras S.A., 1957.
- VIDART, Daniel. *El mundo de los Charruas*. Montevidéo: Ediciones de la banda oriental, 1998.